

Pregação Litúrgica – Definição, Registro Histórico e Funções no Culto Cristão

Ricardo Augusto Arakaki¹

Resumo

O presente artigo trata da pregação litúrgica cristã, isto é, a pregação que acontece no ambiente de um culto cristão, inserida e a serviço de uma liturgia. Ao definir e delimitar o termo *pregação litúrgica*, traça-se, por meio de método histórico e de forma resumida, sua origem e desenvolvimento desde os cultos primitivos, passando pela Era dos Pais da Igreja, Idade Média, Reforma Protestante e Contra Reforma, chegando a uma análise da mesma nos ramos católico e evangélico atuais. Passa-se, então, à reflexão teológica das funções que a *pregação litúrgica* cumpre num culto e termina-se o estudo considerando as implicações para a sua práxis atual.

Palavras chaves: liturgia – pregação – história da Igreja – práxis.

Abstract

The present article treats of the Christian liturgical preaching, that is, the preaching that happens in the atmosphere of a Christian cult, inserted and to service of a liturgy. When defining and to delimit the term *liturgical preaching*, it is drawn, through historical method and of summarized form, his/her origin and development from the primitive cults, going by the Era of the Parents of the Church, Medium Age, Reforms Protestant and Against it Reforms, arriving the an analysis of the same in the Catholic and evangelical branches current. He/she happens, then, to the theological reflection of the functions that the

1

Bacharel em Teologia, pastor da Igreja Batista em Jardim Assunção, professor de Homilética da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: rtr10@uol.com.br

liturgical preaching accomplishes in a cult and the study concludes considering the implications for his/her current *práxis*.

Key words: liturgy - preaching - history of the church – praxis.

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a Igreja cristã produziu grandes oradores, mestres do púlpito, como Orígenes, Crisóstomo, Agostinho, Calvino, Antônio Vieira, Jonathan Edwards, John Wesley, Karl Barth e outros, que não apenas deram continuação à prática da pregação litúrgica, mas a elevaram a mais sublime posição no culto cristão.

Quem cresceu freqüentando igrejas protestantes, por exemplo, está familiarizado com a cena de um ministro religioso, em pé e atrás de seu púlpito – que, por sua vez, encontrava-se no centro do templo – expondo e aplicando o texto bíblico que acabara de ler. De fato, houve época em que participar de um culto protestante significava, necessariamente, ouvir uma pregação. O culto protestante estava inexoravelmente ligado à pregação protestante, ou, se preferir, à pregação litúrgica, aquela que acontece, especialmente, no momento do culto. Hoje, contudo, é possível notar em algumas ramificações da Reforma, que não apenas o púlpito é deslocado do centro da nave do templo, mas também a pregação do centro do culto, dando lugar a outras manifestações litúrgicas como cânticos, orações, testemunhos e rituais de cura.

No lado católico, parece acontecer o inverso. A Igreja que por anos substituíra o púlpito pelo altar, em tempos recentes se atenta para a *homilia* como parte essencial da missa, ainda que, para muitos, uma preparação para o seu clímax, a *eucaristia*.

A pergunta que fica, porém, é: como surgiu e se consolidou a *pregação litúrgica* ao longo da história da Igreja e qual suas funções, hoje, num culto cristão, praticado no ambiente de um templo, geralmente, aos Domingos?

O propósito desse trabalho, utilizando-se de método histórico, é um estudo sobre *pregação litúrgica*, partindo de sua *definição*, atentando para seu *registro histórico*, refletindo teologicamente acerca de suas *funções* no culto e considerando as implicações para sua *práxis* atual.

1. DEFINIÇÃO

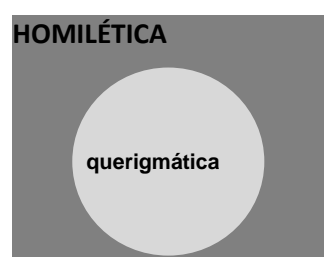
Para Luis Maldonado há duas disciplinas que tratam da pregação cristã, a *querigmática* e a *homilética*. Sendo a *querigmática* a disciplina que trata da *pregação geral*, e a *homilética*, a que trata, especialmente, da homilía (ou sermão), que serve a uma liturgia, isto é, à ordem de um culto. Nas palavras do próprio Maldonado:

...devem existir dois tratados teológicos-pastorais em torno do ministério da Palavra: um pode ser denominado kerygmática (que se refere à pregação cristã em geral), o outro, homilética, que: concentra-se na análise da homilia, porém sobre o pano de fundo da querigmática, ou seja, do que é a pregação cristã em geral.²

Assim, nos seminários de tradição católica da Espanha, a homilética é uma disciplina inserida numa área maior, a *querigmática*, enquanto que, de forma freqüente, nos seminários e faculdades teológicas protestantes do Brasil, a *querigmática* está inserida na disciplina da *homilética*.



Sem. Católicos (Espanha)



Sem. Protestantes (Brasil)

Ainda, segundo Maldonado, a pregação que acontece numa liturgia não deve ser alienada a esta, como um elemento estranho inserido nela, mas antes, deve estar em harmonia com seu propósito e a ela servir:

2

MALDONADO, Luis. *A Homilia – pregação, liturgia, comunidade*. São Paulo, Paulus, 1997, p.5.

Como pregação litúrgica reunirá e refletirá os traços e elementos essenciais de toda liturgia. Desta maneira, não há de ser corpo estranho dentro da celebração, nela inserido apenas de modo extrínseco, mais ou menos forçado, porém, enxertar-se-á harmoniosamente em seu contexto como etapa mais de fluência ritual e como ingrediente perfeitamente homogêneo dentro do conjunto do universo festivo celebrativo.³

Assim, poderíamos definir “pregação litúrgica” como aquela que está inserida numa liturgia de forma harmoniosa e a com ela serve ao propósito do culto.

Definido o sentido de “pregação litúrgica”, cabe agora um breve panorama de seu registro histórico.

2. REGISTRO HISTÓRICO

A pregação litúrgica cristã descende da liturgia da *sinagoga*. Era costume dos judeus, após a leitura de um texto da Torá, dos Salmos, ou dos Profetas, um comentário explicativo feito por um escriba ou doutor, isto é, de um rabino. Registros dessa prática podem ser observados no Novo Testamento. Por exemplo, em Lucas 4.16-21 é dito:

“Chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou na sinagoga no dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para fazer a leitura. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías; ele o abriu e achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos presos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar o ano aceitável do Senhor. E fechando o livro, devolveu ao assistente e sentou-se; e os olhares de todos na sinagoga estavam fixos nele. Então, ele começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir”.

Parece que, no *tempo apostólico*, o culto na igreja primitiva se limitou a seguir a prática judaica da sinagoga, de modo que os cristãos se reuniam para, dentre outras coisas,

³ MALDONADO, Luis. *A Homilia – pregação, liturgia, comunidade*. São Paulo, Paulus, 1997, p.6.

perseverar na doutrina dos apóstolos (At 2.42). Essa “doutrina dos apóstolos” era essencialmente a apresentação de Jesus como o centro do mistério salvífico, das profecias veterotestamentárias, das aparições pós-pascuais aos apóstolos e aos crentes, visando suscitar nos ouvintes do Evangelho uma nova vida.⁴

É, porém, na era *patrística*, isto é, no tempo dos pais da Igreja, que a preparação da homilia se torna algo especializado, sendo resultado de labor cuidadoso, tendo como principais responsáveis Hipólito e Orígenes.⁵ Justino, em sua Apologia, faz descrição de como se dava a prédica no culto cristão:

“E no dia chamado do sol, tem-se uma reunião (syneleusis) em um mesmo local para todos os que moram nas cidades ou nos campos. E lêem-se as memórias dos apóstolos ou as escrituras dos profetas, conforme o tempo o permita. Em seguida, quando o leitor já terminou, quem preside faz um convite e uma exortação no sentido de se imitarem estas coisas excelsas. Depois, todos nós nos levantamos de uma só vez e recitamos orações. E (...), ao acabarmos de orar, apresentamos pão, vinho e água, e quem preside eleva (...) ações de graças (...) e o povo aclama dizendo: ‘Amém’.”⁶

Nos séculos que se seguem, especialmente nos *séculos III e IV*, a pregação cristã é influenciada pelos princípios da *retórica clássica* e passa a apresentar em sua estrutura elementos como *introdução, séries de pontos e conclusões sumárias*.⁷ Agostinho (354-430), do Ocidente; e João Crisóstomo (337-407), do Oriente, são os maiores expoentes da pregação litúrgica. É Agostinho quem produz alguns dos primeiros tratados sobre pregação: *De catechi rudibus* e *De doctrina christiana*, livro IV,⁸ e João Crisóstomo, por sua vez, conhecido como “língua de ouro”, faz do púlpito o lugar de onde cumpre seu

⁴ GHIDELLI, Carlo. Pregação na Igreja Apostólica. In: SODI, Manlio, TRIACCA, Achille M. (orgs). *Dicionário de Homilética*. São Paulo, Edições Loyola, 2010, p.1384 - 1385.

⁵ FLORISTAN, Casiano. *Teología Práctica - Teoría y Práxis de La Acción Pastoral*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2002, p.529.

⁶ MALDONADO, Luis. *A Homilia – pregação, liturgia, comunidade*. São Paulo, Paulus, 1997, p.102.

⁷ QUICKE, Michael. A História da Pregação – uma avaliação da pregação atual à luz da história. In: ROBINSON, Haddon ; LARSON, Craig B. *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*. São Paulo, Vida Nova, 2010, p.75.

⁸ OLIVAR, Alexandre. Pregação na Igreja Antiga. In: SODI, Manlio, TRIACCA, Achille M. (orgs.). *Dicionário de Homilética*. São Paulo, Edições Loyola, 2010, p.1392.

chamado profético de denunciar a opressão e injustiça social cometidas pelos abastados cristãos de Constantinopla:

“Este freio de ouro na boca do teu cavalo, este aro de ouro no braço do teu escravo, estes adornos dourados em teus sapatos, são sinais de que estás roubando o órfão e matando de fome a viúva. Depois de morreres, quem passar pela tua casa dirá: ”Com quantas lágrimas ele construiu este palácio? Quantos órfãos se viram nus, quantas viúvas injuriadas, quantos operários receberam salários injustos? Assim, nem mesmo a morte te livrará dos teus acusadores”.⁹

A pregação litúrgica se fez presente também na *Idade Média*. Embora possa ter servido, em alguns momentos, como impulsionadora das cruzadas contra os muçulmanos, também serviu para ensino e exortação dos cristãos, como pode ser visto nesse trecho de um sermão de Bernardo de Claravau, onde o próprio pregador atesta a dificuldade de manter a atenção de seus ouvintes, após uma liturgia cansativa:

Mas, prestai atenção a um outro ponto... Ou será melhor parar, por causa dos que já estão pestanejando? Eu pretendia, em um só sermão, dar conta do que tinha prometido: falar da dupla ignorância, e fá-lo-ia se não me parecesse que este discurso já está demasiadamente longo para os que o acham cansativo. E vejo alguns bocejando e outros dormitando. E não é de admirar, pois a longuíssima vigília de oração que tivemos hoje os desculpa. O que direi, porém, daqueles que dormem agora, mas dormiram também enquanto rezávamos os ofícios? Não quero, porém, levar isto adiante e envergonhá-los, baste ter mencionado o fato... Penso que de hoje em diante cuidarão de estar atentos, advertidos que foram pela nossa correção. Com esta esperança e em atenção a eles, em vez de continuar, partamos, suspendendo por clemência o discurso, e dêmo-lhe fim, embora não tenha atingido seu

⁹ GONZALES, Justo L. *A Era dos Gigantes – Uma história ilustrada do Cristianismo, vol.2*. São Paulo, Vida Nova, 1995, p.150-151.

fim. Eles, por sua vez, tendo sido objeto de nossa compreensão, associem-se a nós em glorificar o Esposo da Igreja, Nosso Senhor Jesus Cristo, que está acima de todas as coisas, Deus bendito pelos séculos. Amém.¹⁰

É na *Reforma Protestante* que o púlpito ganha o centro do templo e a pregação o centro da liturgia. O propósito principal do sermão protestante era o ensino do que os reformadores consideravam a correta doutrina, a doutrina celeste. Como atesta Messias Valverde:

E o propósito de a pregação ser colocada no centro do culto, era a docência à congregação da “doutrina correta”: Os pastores devem ser completamente ensinados nas Escrituras, para que possam instruir corretamente a congregação na doutrina celeste (...) o propósito da pregação é a edificação.¹¹

A resposta da Igreja Católica veio na Contra Reforma, no Concílio de Trento, no seu documento intitulado “Sacrossantum Concilium”:

“Recomenda-se encarecidamente, como parte da própria liturgia, a homilia, em que, durante o ciclo do ano litúrgico, se expõem, com base nos textos sagrados, os mistérios da fé e as normas da vida cristã. E mais: nas missas que se celebram aos Domingos e festas de preceito, com a assistência do povo, nunca se omita a homilia, a não ser por causa grave.”¹²

¹⁰ Sermão sobre o conhecimento e a ignorância - São Bernardo de Claraval (1090-1153), Trad. e introdução: Prof. Dr. Luiz Jean Lauand (FEUSP). www.ricardocosta.com, acessado em 07/11/2011.

¹¹ VALVERDE, Messias. *Liturgia e Pregação*. São Paulo, Cedro, 2006, p.165.

¹² MALDONADO, Luis. *A Homilia – pregação, liturgia, comunidade*. São Paulo, Paulus, 1997, p.101.

A partir da Reforma e da Contra Reforma, a história da pregação litúrgica se divide entre os ramos *católico* e *protestante* e falta espaço para tratar de ambos separadamente. Basta afirmar que, principalmente, no lado protestante, a *pregação litúrgica* sempre ocupou espaço importante no culto, fomentando, inclusive, reformas espirituais e sociais para além das cercanias dos templos, como as pregações de Jonathan Edwards, que promoveram o Primeiro Avivamento nos EUA, e as de Martin Luther King Jr. que denunciaram e combateram o racismo.

No século XX a pregação litúrgica, praticada nas igrejas chamadas evangélicas, se distinguia conforme sua confissão. Nas denominações históricas, a pregação litúrgica tinha, principalmente, propósito convercionista, doutrinário e, algumas vezes, ético. Nas denominações pentecostais e neopentecostais, a ênfase se dava no poder sobrenatural de Deus para a solução dos problemas comuns da vida, como saúde, vida familiar e prosperidade financeira, tendo em comum o caráter legalista.¹³

Porém, com o advento da pregação midiática, um novo tipo de mensagem, a da “auto ajuda”, parece influenciar, em graus variados, a maioria dos pregadores evangélicos. Como registrou a Revista Veja, de doze de Julho de 2006:

A nova geração de líderes evangélicos achou um caminho muito mais certo e útil de chegar ao coração dos fiéis: o da auto-ajuda. A promessa é a mesma que ofereciam pentecostais e neopentecostais da geração passada: o da felicidade e da prosperidade aqui e agora. Só que, para alcançá-las, os pastores sugerem outras ferramentas: além da fé, o bom senso; somado à intervenção divina, o esforço individual.¹⁴

¹³ ROSE, Michael. Homilética. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Leopoldo, Sinodal/Aste, 1998, p.157.

¹⁴ GIANASTACIO, Vandelei e RUAS, Alline Leal. Palavra de Deus ou palavra do homem? O uso da retórica no discurso religioso no contexto urbano. In: SILVA, Geoval Jacinto da (org.), *Itinerário para uma Pastoral Urbana – ação do povo de Deus na cidade*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

No ramo cristão católico recente, a prática da prédica litúrgica ganha nova ênfase no Concílio Vaticano II, onde se propõe a homilia como “parte da própria ação litúrgica”, sendo obrigatória “na missa do domingo e dias de festa com participação do povo”.¹⁵

Embora Yone Buyst ateste que, “infelizmente, o Código de Direito Canônico, 1983, no cânon 1248, artigo 2, diminui o valor da celebração da Palavra como celebração do Domingo, colocando-a como algo facultativo, ao lado da oração em família e oração pessoal,¹⁶ é considerável o avanço católico na prática homilética, o que pode ser visto tanto em sua produção literária, quanto na presença de pregadores católicos na mídia, principalmente nas programações televisivas da Canção Nova.

3. FUNÇÕES DA PREGAÇÃO LITÚRGICA

Após um panorama de como se deu a prática da pregação litúrgica ao longo da história da Igreja, cabe refletir, em caráter teológico, sobre suas funções num culto cristão.

Tendo como referência teórica, as reflexões de Luis Maldonado, pode-se dizer que a pregação litúrgica, em um culto cristão, exerce, em *primeiro lugar*, uma função *evangelística*. Uma vez que Cristo é a Palavra, toda pregação de Sua Palavra possui caráter evangelístico. Por “evangelística” não se entende a pregação que visa, exclusivamente, a conversão de não cristãos a Jesus Cristo, mas também uma maior conversão dos cristãos a Jesus Cristo, o que inclui conversão ao Seu caráter, à Sua vida e à Sua missão.

Em *segundo lugar*, a pregação litúrgica possui uma função *doutrinária*, ou *catecumenal*. Em Éfeso, Paulo afirma aos presbíteros da Igreja que não deixou de anunciar todo o propósito de Deus (At 20.27). A fé cristã possui um arcabouço de doutrinas basilares necessárias para a edificação e formação do cristão, que o ministério da pregação precisa dar conta. Para tanto, algumas igrejas, como a Metodista, se valem de lecionários que cobrem, no decorrer de um período de tempo, os ensinamentos e fatos do Evangelho, considerados fundamentais.

Em *terceiro lugar*, a pregação litúrgica cumpre uma função *celebrativa*, isto é, “festiva”. Uma vez que a prédica anuncia e atualiza o Evangelho, conduz, ao mesmo tempo, a congregação à contemplação da Pessoa e das obras salvadoras de Deus que, por

¹⁵ RIGO, Enio José. *Homilia: a comunicação da Palavra*. São Paulo, Paulinas, 2008, p.19.

¹⁶ BUYST, Ione. *Celebração de Domingo ao redor da Palavra de Deus*. Vozes, Petrópolis, 1988, 25.

consequente, leva-a ao louvor e à alegria. Como afirmou Crisóstomo, “a festa é alegria e nada mais”.

Em *quarto lugar*, a pregação litúrgica possui uma função *profética*, com caráter libertador. Interessante é a observação que Maldonado faz do fato da pregação ser realizada, especialmente, aos domingos. Ele relembra que Domingo é o dia em que se celebra a ressurreição de Jesus, quando este foi declarado Senhor. Ora, assim como os cristãos participarão da ressurreição de Seu Senhor, também participarão de Seu senhorio. Desta maneira, é anunciando a libertação dos homens de todo tipo de dominação, inclusive o da morte. Ao atualizar, então, a Palavra de Deus, a pregação confronta a realidade presente e exige ação, transformação e libertação humana de todo tipo de opressão. Nas palavras de René Padilla: “O objetivo da pregação, assim como o da própria igreja, é que o evangelho do reino penetre em todas as esferas da vida humana e que a glória de Deus em Jesus Cristo se manifeste na sociedade”.¹⁷

Em *quinto lugar*, a pregação litúrgica deve exercer uma função *comunitária*. Nelson Kirst usa a analogia do “rancho” para explicar a função comunitária do culto e, conseqüentemente, da pregação que se realiza nele.¹⁸ O rancho é o lugar em que a família, após algumas horas de labuta na roça se recolhe para descanso e renovo, por meio do compartilhar de pão, água e conversa. Após uma meia hora, todos voltam ao trabalho, renovados, porém, pelo compartilhar do rancho. O culto, na vida cristã, possui também essa função, a de ser um lugar e um tempo para recolhimento, descanso e compartilhamento de água, pão e conversa, a fim de que a família de Deus renove as forças e volte ao trabalho, orientada e fortalecida pela comunhão, pela celebração e pela Palavra. Talvez, não seja sem razão que o significado de “homilia”, seja, “conversa familiar”.¹⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁷ PADILLA, René, C. *O que é missão integral?* Viçosa, MG, Ultimato, 2009, p.118.

¹⁸ KIRST, Nelson. *Liturgia*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*, p.119.

¹⁹ Homilia foi o termo escolhido a partir do Concílio Vaticano II para substituir o termo “sermão”, devido ao desgaste que sofrera e a conotação pejorativa que assumiu o mesmo ao longo do tempo.

Após definir o conceito de *pregação litúrgica*, como aquela que se dá harmoniosamente numa liturgia de culto cristão e observar, de forma breve, o registro da mesma ao longo da história da igreja, identificou-se algumas das funções teológicas que cumpre no contexto do culto: *evangelística, doutrinária, profética, celebrativa e comunitária*.

Cabe agora considerar algumas *implicações* para sua práxis atual.

Perceber que a *pregação litúrgica* não apenas acontece numa liturgia de culto, mas, com ela, deve-se levar não apenas os pregadores, mas todos os envolvidos no preparo do culto, a um trabalho em equipe, a fim de que a liturgia possua harmonia e unidade em suas diferentes partes, alcançando assim, alvo comum. Isto coloca tanto a pregação quanto os demais elementos do culto em seu devido lugar, não como fins em si mesmos, mas como meios disponibilizados pelo Espírito para o cumprimento de Sua missão, o de glorificar a Jesus Cristo, conduzindo Sua Igreja à toda verdade (Jo 16.13).

Observar o registro da *pregação litúrgica* no decorrer da história da igreja, alerta para a relação vital que existe não apenas entre *pregação e culto*, mas entre *pregação e a própria igreja*. A pregação não é apenas vital para que a fé nasça em novos corações, isto é, dos não cristãos, mas também para que não morra nos corações do que já a receberam, isto é, dos cristãos. Afinal, “a fé vem pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Cristo” (Rm 10.17).

Entender que a *pregação litúrgica* é responsável pelo cumprimento de diversas “funções” no culto deve levar os pregadores ao exemplo de Paulo, que não deixou de pregar nada do que fosse proveitoso (At 20.20) e evitar o que foi realidade nos primórdios do protestantismo no Brasil, em que pastores nacionais, limitando-se a imitar a pregação dos missionários americanos em seu propósito momentâneo, reduziram a pregação e o culto à apenas uma função evangelística ou doutrinal, como atesta Mendonça:

Enquanto os missionários avançavam constantemente, os pastores nacionais ficavam para trás no trabalho de manutenção, mas, sem nenhum preparo para o desenvolvimento litúrgico, limitavam-se a imitar os

missionários tanto no sermão quanto nas demais partes do culto.²⁰

Parece claro que *culto* e *pregação* possuem uma relação intrínseca desde a gênese do culto cristão, se mantendo por toda a sua história e chegando até os dias de hoje com não menos força.

Desta feita, a exortação do apóstolo ao jovem Timóteo continua vívida e necessária, a todos aqueles que, domingo após domingo, cumprem a árdua tarefa de preparar e entregar, em forma de sermão, uma porção do Evangelho àqueles que se reúnem com o propósito de prestar culto: “Prega a Palavra” (2ª Tm 4.2).

BIBLIOGRAFIA

BUYST, Ione. *Celebração de Domingo ao redor da Palavra de Deus*. Vozes, Petrópolis, 1988.

FLORISTAN, Casiano. *Teología Práctica. Teoría y Práxis de La Acción Pastoral*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2002.

GHIDELLI, Carlo. *Pregação na Igreja Apostólica*. In: SODI, Manlio, TRIACCA, Achille M. (orgs). *Dicionário de Homilética*. São Paulo, Edições Loyola, 2010

GIANASTACIO, Vandelei; RUAS, Alline Leal. *Palavra de Deus ou palavra do homem? O uso da retórica no discurso religioso no contexto urbano* in SILVA, Geoval Jacinto da (Org.), *Itinerário para uma Pastoral Urbana – ação do povo de Deus na cidade*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

GONZALES, Justo L. *A Era dos Gigantes – Uma história ilustrada do Cristianismo, vol.2*. São Paulo, Vida Nova, 1995.

KIRST, Nelson. *Liturgia*. In SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*.

RIGO, Enio José. *Homilia: a comunicação da Palavra*. São Paulo, Paulinas, 2008.

OLIVAR, Alexandre. *Pregação na Igreja Antiga*. In: SODI, Manlio, TRIACCA, Achille M. (orgs.). *Dicionário de Homilética*. São Paulo, Edições Loyola.

²⁰ MENDONÇA, Antônio Gouveia Mendonça; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1990, p.183.

QUICKE, Michael. A História da Pregação – uma avaliação da pregação atual à luz da história. In: ROBINSON, Haddon ; LARSON, Craig B. *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*. São Paulo, Vida Nova, 2010.

ROBINSON, Haddon ; LARSON, Craig B. *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*, São Paulo, Vida Nova, 2010.

ROSE, Michael. Homilética, in Christoph Schneider-Harpprecht (org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Leopoldo, Sinodal/Aste, 1998.

MALDONADO, Luis. *A Homilia – pregação, liturgia, comunidade*. São Paulo, Paulus, 1997.

MENDONÇA, Antônio Gouveia Mendonça; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1990.

PADILLA, René, C. *O que é missão integral?* Viçosa, MG, Ultimato, 2009.

VALVERDE, Messias. *Liturgia e Pregação*. São Paulo, Cedro, 2006.

Arquivo eletrônico:

[Sermão sobre o conhecimento e a ignorância](#) - São Bernardo de Claraval (1090-1153), Trad. e introd.: Prof. Dr. [Luiz Jean Lauand \(FEUSP\)](#). www.ricardocosta.com, acessado em 07/11/2011.